

ABERTURA

Fauna em alerta



O Dia Mundial do Meio Ambiente, celebrado em 5 de junho, traz o combate ao comércio ilegal de animais silvestres como discussão em 2016. A atividade é uma das mais rentáveis ao redor do mundo. E acontece em várias escalas: desde os capturados na fronteira do Uruguai, que são comercializados na grande Porto Alegre – especialmente aves –, até mamíferos, répteis e anfíbios traficados em grande escala da Ásia para a Europa. “A retirada de animais silvestres da natureza é apontada pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, sigla em inglês) como uma das ações humanas que contribuem de maneira mais efetiva para os processos de extinção. Para que alguns animais cheguem vivos ao seu destino, um número 10 ou 15 vezes maior é capturado”, revela Glayson Bencke, chefe da Divisão de Pesquisa Científica do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB).

Angola, sede das comemorações da data neste ano, adotou ações relevantes para conservar e reconstruir sua população de elefantes. Afinal, o número de animais diminuiu muito durante a guerra civil de décadas, que só terminou em 2002. Ao observar a realidade brasileira e gaúcha, de acordo com Bencke, não há informações sistematizadas sobre o tráfico de animais. E ainda são poucos os programas dedicados à manutenção das espécies nativas. Planos de ação nacionais propõem a conservação de peixes-anaís, pequenos sapinhos, carnívoros, papagaios e aves migratórias.

Bencke esteve envolvido com o

processo de atualização da lista da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul, publicada em 2014 no Diário Oficial do Estado. Neste trabalho, que levou dois anos para ser concluído, 129 especialistas contribuíram diretamente e de forma voluntária no processo, representando 40 instituições, entre universidades, institutos de pesquisa, órgãos públicos, ONGs, prefeituras e empresas privadas. “Basicamente, o objetivo foi apontar as espécies da fauna do Rio Grande do Sul que correm risco real de desaparecer no futuro próximo, a partir da avaliação criteriosa de informações sobre suas populações, áreas de distribuição e ameaças recentes, atuais ou projetadas. Para isso, utilizamos os critérios e protocolos desenvolvidos pela IUCN, os mesmos adotados por outros estados brasileiros. É importante destacar que as listas de espécies da fauna e da flora silvestres ameaçadas de extinção estão entre os principais instrumentos de proteção à biodiversidade do Estado e do País. Com base nessa avaliação, é possível definir políticas de gestão e traçar estratégias à conservação e ao uso sustentável das espécies e dos recursos naturais”, explica.

A FZB e seus parceiros avaliaram 1.583 espécies da fauna gaúcha, incluindo 100% das espécies de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes de água doce, além de muitas espécies de invertebrados e animais marinhos. “Deste total, 10 espécies foram consideradas extintas e 280, como ameaçadas de extinção, isto é, enquadradas em uma das três categorias que indicam risco de extinção: vulnerável, em perigo e criticamente em perigo. Os dados mostram que

aproximadamente uma em cada quatro espécies de mamíferos do Rio Grande do Sul corre risco de desaparecer. Também estão ameaçadas uma em cada sete espécies de aves, uma em cada seis de anfíbios e uma em cada cinco de peixes de água doce, para citar alguns grupos com maior proporção em risco”, alerta.

O número de espécies ameaçadas em 2014 é um pouco maior do que em 2002, ano do relatório anterior; de 261 para 280 no estudo mais recente. “Os critérios utilizados na última avaliação não estavam disponíveis na avaliação anterior e, assim, os números não são diretamente comparáveis. É importante dizer que, apesar de as espécies ameaçadas não terem variado muito desde 2002, elas estão em situação mais crítica. Também aumentou consideravelmente o percentual de espécies que habitam ecossistemas campestres (campos naturais), de 13,6% em 2002 para 17,9% em 2014, e isso significa que o recente avanço da silvicultura e, especialmente, do cultivo da soja sobre os campos nativos do Estado já trouxe reflexos sobre a situação de várias espécies”, avalia.

Segundo Bencke, estima-se que, em média, o equivalente a 36 mil campos de futebol desses ecossistemas sejam perdidos anualmente, o que já está afetando espécies como o pedreiro, pássaro exclusivo do campos do Nordeste do Estado e do Sudeste de Santa Catarina. Também entraram na lista espécies não consideradas na avaliação anterior, como as borboletas, e nada menos do que 27 espécies de peixes marinhos, principalmente tubarões e raias, mas também a miraguaia, o namorado e a garoupa.

Causas da extinção

Os estudos mostram que existem muitas causas para a extinção das espécies. “Mas a principal é a perda e a degradação do habitat, em decorrência da expansão agrícola (hoje principalmente sobre áreas de campos naturais, mas antigamente sobre florestas e áreas úmidas) e da implantação de grandes obras de infraestrutura, como usinas hidrelétricas e rodovias”, explica. Para as espécies marinhas, a pesca excessiva, no caso dos peixes, ou a captura incidental em espinheis e redes de pesca, no caso de albatrozes, tartarugas marinhas, toninhas e golfinhos, são as principais ameaças. “A captura para a criação em cativeiro e para o comércio ilegal de animais silvestres, que atinge principalmente aves e alguns mamíferos, levou várias espécies à beira da extinção. O cardeal-amarelo, o curió, a patativa e o papagaio charão são aves que quase desapareceram por essa razão. A caça, o envenenamento de animais em propriedades, o atropelamento em rodovias, o impacto de espécies exóticas invasoras (de plantas e animais), as mudanças climáticas e a poluição são ameaças mais difusas, mas que também incidem sobre espécies ameaçadas”, revela.

Os dados tornam-se mais alarmantes quando observada a lista nacional de animais ameaçados, coordenada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. O levantamento, atualizado em 2014, inclui 1.173 espécies e subespécies ameaçadas. “Considerando os animais vertebrados, para os quais os números nacionais e estaduais são comparáveis, 9,8% das espécies brasileiras estão ameaçadas, enquanto no Estado esse percentual é de 15,8%. Como os critérios são os mesmos, isso indica que, proporcionalmente, mais espécies da fauna do Rio Grande do Sul correm risco de extinção do que no resto do País, possivelmente porque os ecossistemas do Estado estão, em média, mais degradados”, lamenta.

Expediente

■ **Editor-chefe:** Pedro Maciel (maciel@jornaldocomercio.com.br) ■ **Edição:** Paula Sória Quedi ■ **Reportagem:** Flávia Mu ■ **Projeto gráfico:** Ingrid Müller ■ **Diagramação:** Juliano Bruni, Ingrid Müller, Kimberly Winheski, Lilian Martins, Luis Felipe Corullón e Luis Gustavo Van Ondheusden ■ **Revisão:** André Fuzer, Rafaela Milara e Thiago Nestor

É possível reverter a situação?

“É preciso mais rigor no controle da conversão dos habitats naturais, estabelecendo regras claras e impondo limites à expansão das atividades econômicas. Onde não é mais possível ou recomendável a expansão de atividades que causem impactos ao ambiente, o pagamento por serviços ambientais e pela manutenção de ecossistemas naturais é uma alternativa”, aponta Glayson Bencke.

O incentivo a atividades econômicas que gerem renda sem agredir o meio ambiente, por meio de políticas fiscais ou de mercado, é um caminho promissor e já mostra resultados. “A Alianza del Pastizal, iniciativa internacional com foco nas aves, tem dado grande contribuição para a conservação dos campos naturais, por meio da valorização da carne bovina produzida com preservação de ecossistemas campestres em propriedades privadas. O produtor ganha mais renda e acesso a mercados diferenciados. E o meio ambiente ganha com a manutenção de ecossistemas que estariam na

rota de expansão da agricultura e da silvicultura”, observa.

Para Bencke, crimes contra a fauna tendem a ser vistos como infrações menores, e as penas raramente são aplicadas. “É preciso maior rigor na punição de crimes como a captura, o comércio de animais silvestres e a pesca ilegal ou acima dos limites autorizados, assim como investimento nos órgãos de fiscalização.” O pesquisador defende, ainda, o planejamento e o licenciamento ambiental como fundamental para redução de impactos de atividades econômicas. “Por um lado, isso acontece porque o licenciamento não é visto como um instrumento de gestão ambiental, mas como uma burocracia a ser vencida. Por outro, porque não há investimento estratégico nos órgãos responsáveis pelo meio ambiente.”

A conscientização e a educação ambiental ainda podem ser consideradas a melhor aposta. “O país das gaiolas tem que virar o país da observação e da fotografia de animais em seu ambiente natural, do turismo de contemplação da biodiversidade”, comenta.

CONHEÇA DUAS INICIATIVAS INTERESSANTES NO ESTADO

Procervo: programa de conservação do cervo-do-pantanal no Rio Grande do Sul, coordenado por uma ONG, mas integrado por uma série de entidades dos setores público e privado do Estado. O objetivo é garantir a sobrevivência da última população de cervos na região, confinada ao Banhado dos Pachecos, em Viamão.

Programa nacional de conservação do cardeal-amarelo: coordenado pelo ICMBio, além de ações de conservação e monitoramento, também prevê a manutenção de plantéis de aves em cativeiro para produzir indivíduos que possam ser utilizados em projetos de reintrodução na natureza, visto que a espécie foi extinta na maior parte de sua distribuição original no Estado.

Olhar sensível

O Coletivo Criatura, criado por Clarissa Faccini, Michelle Dona, Vinicius Goulart e Fernanda Puricelli, todos estudantes de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), busca sensibilizar sobre a causa dos animais em extinção no Estado. A série “Procura-se” levou as artes para as ruas – através de cartazes “lambe-lambe” – e provocou reflexão. “Compartilhamos o gosto por desenhar animais e encontramos um motivo maior para isso”, comenta Clarissa Faccini.

As pesquisas que inspiraram o tema aconteceram no acervo do Jardim Botânico e, a partir disso, os artistas começaram a trabalhar nas ilustrações. “Lembro que, quando colamos um dos primeiros cartazes, com a arte do lobo-guará, uma senhora nos parou na rua e perguntou: ‘você perdeu um cachorrinho?’. E então explicamos sobre a espécie ameaçada”, relembra. O próximo passo do grupo é o lançamento de um pequeno livro com as ilustrações compiladas. Para acompanhar o trabalho, siga o Coletivo Criatura no Instagram (www.instagram.com/coletivocriatura).



Knowledge grows

Conhecer sobre o impacto interligado nos motiva a enfrentar os grandes desafios globais.

Como líder mundial em nutrição de plantas, entendemos que fazemos parte de uma cadeia responsável pela segurança alimentar e pela redução de emissões no planeta. Por isso, estamos ao lado dos produtores, oferecendo condições de obter uma colheita mais nutritiva e produtiva por gota de água, por acre de terra e por quilo de fertilizante, sempre com o menor impacto ambiental possível. Esse é o desafio que nos motiva a investir em inovação, pesquisa e desenvolvimento, encontrando as respostas de como podemos fortalecer as economias agrícolas e reduzir as pegadas de carbono, reafirmando diariamente o nosso compromisso de sustentabilidade com o meio ambiente.

yarabrasil.com.br

